

MOSTRA



AMERÍNDIA

PERCURSOS DO CINEMA INDÍGENA NO BRASIL

13 - 17 MARÇO 2019

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN - COLEÇÃO MODERNA



Já Me Transformei em Imagem, Zezinho Yube

Mostra Ameríndia: Percursos do Cinema Indígena no Brasil

A produção cinematográfica indígena no Brasil tem contribuído de um modo decisivo para a emergência de novos instrumentos de conhecimento indígena e intervenção no mundo. Em Portugal, esta mostra de cinema emergiu do interesse de um grupo de pesquisadores/as, programadores/as culturais e ativistas em aprofundar o contributo do pensamento e cinema ameríndios, especificamente dos povos indígenas que vivem no Brasil, para a sociedade contemporânea.

Pensado de forma colaborativa com projetos envolvidos na produção e difusão desta cinematografia no Brasil como a Mostra Aldeia SP, o programa da **Mostra Ameríndia** integra uma multiplicidade de experiências que nos tiram dos lugares convencionais de olhar e entender o cinema.

A inédita presença de quatro cineastas indígenas, assim como a vinda do curador **Ailton Krenak** oferecem ao programa uma singularidade na comunicação com o público. A Mostra terá ainda um ciclo de conversas e debates e uma publicação que funcionam como instrumento de difusão do conhecimento sobre os povos ameríndios, o seu cinema, cosmovisões e lutas na atualidade.

Datas: 13 - 17 de março de 2019

Local: Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna – Sala Polivalente
R. Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078 Lisboa

Sessões: 13 sessões (16h00 | 19h00 | 21h00) + oficina infantil (16 Março - 11h00)

Organização: Apordoc | Aldeia SP | CHAM | CRIA | ICS | IHA | Museu Calouste Gulbenkian | Vídeo nas Aldeias

Bilhetes: 3 euros | **Passé para todas as sessões:** 25 euros | **Passé para estudantes:** 20 euros

Mais informações em: www.doclisboa.org | gulbenkian.pt



Apresentação

A **Mostra Ameríndia** apresenta uma seleção de filmes em que os coletivos indígenas actuam em diferentes níveis. Por vezes, são cineastas no sentido ocidental e direccionam a câmara para o quotidiano da sua aldeia, rituais ou a sociedade colonial. Outras vezes colaboram com não-indígenas na produção de obras. As propostas, seleccionadas de diferentes momentos históricos e produzidas por diferentes povos indígenas em diversos contextos de produção, dão forma a uma real multiplicidade nas suas escolhas formais e temáticas.

O filme que abre a Mostra, *Já Me Transformei em Imagem*, é uma peça central de toda a programação. Aqui abordam-se questões que vão desde o primeiro contacto do povo Huni Kuin com os brancos até ao trabalho actual com o vídeo, plasmando o modo como a produção de imagem é vivida por este povo. Ainda nesta linha, mostramos *O Espírito da TV*, de Vincent Carelli, que filma as reacções de índios Waiãpi ao confrontarem-se pela primeira vez com a sua imagem e o modo como se estão a representar, assim reflectindo sobre o papel das tecnologias audiovisuais na sua convivialidade.

Exibem-se vários filmes que reflectem sobre a resistência política inerente à existência indígena, um cinema que carrega uma mensagem política muito forte e em confronto directo com o Estado ou a cobiça do agronegócio. São disso casos *Vamos à Luta!*, *GRIN*, *Índio Cidadão?* ou *Quem Não Come com a Gente*.

Em outros casos, o cinema surge como ferramenta para a atualização da memória, práticas e rituais. Veja-se *Iniciação dos Filhos dos Espíritos da Terra*, onde acompanhamos um ritual de iniciação Maxakali; ou *Vende-se Pequi*, um filme muito divertido onde um grupo de jovens entrevista várias pessoas mais velhas da sua aldeia em busca de histórias relacionadas com o Pequi, um fruto que ali se produz.

Para além dos filmes de carácter mais documental, a Mostra Ameríndia apresenta ainda uma animação, *O Dilúvio Maxakali*, onde os humanos são castigados pelo egoísmo e pela ganância, e outras incursões na utilização da imagem, como videoclips ou vídeos feitos para a internet com o intuito de difundir rapidamente situações que exigem ser denunciadas.



Cinema indígena no Brasil

O cinema indígena no Brasil existe há pelo menos duas décadas apesar da sua história ainda estar por realizar. Este trabalho tem sido desenvolvido em parceria com agentes não indígenas, como o projeto [Vídeo nas Aldeias](#) e [Filmes do Quintal](#), que inicialmente promoveram oficinas de realização e de edição e que, hoje em dia, continuam a viabilizar produções de uma forma colaborativa. Nos últimos anos, os/as cineastas indígenas têm aumentado em número e em diversidade as abordagens estético-éticas e vêm marcando presença em festivais nacionais e internacionais, como, por exemplo, com o filme *As Hiper Mulheres*, de Takumã Kuikuro, que ganhou o prêmio especial do júri no Festival de Gramado, em 2011. Mais recentemente, começaram a surgir eventos específicos sobre cinema indígena com um impacto significativo, como a Mostra Aldeia SP organizada por um dos mais importantes intelectuais e lideranças indígenas no Brasil, Ailton Krenak.

A produção cinematográfica indígena no Brasil tem contribuído de um modo decisivo para a reconstrução do imaginário visual. O cinema indígena rompe com a imagem essencializada e reificada do “índio genérico” e romântico, construída ao longo de centenas de anos por um olhar enviesado, dando visibilidade à diversidade cultural, social e histórica de mais de 320 povos e 280 línguas existentes no país, que vivem na contemporaneidade uma pluralidade de experiências e de apropriações originais dos instrumentos da modernidade. Estas novas imagens têm sido fundamentais na divulgação de diferentes cosmovisões sobre a floresta e o meio ambiente, abrindo pontes para pensar os desafios prementes da nossa coabitação na Terra.

Já Me Transformei em Imagem, Zezinho Yube



Realizadores Convidados

Alberto Álvares (RJ) - (Presença em Lisboa: 12 - 18 Março)

Cineasta indígena da etnia Guarani Nhãndewa, Mato Grosso do Sul, é também ator, professor, tradutor de Guarani e formador de cineastas indígenas.

Mora no Rio de Janeiro desde 2010, período em que começa a se dedicar ao audiovisual como realizador e formador. Vem realizando seus projetos a partir do Laboratório do Filme Etnográfico – UFF, do Museu do Índio/FUNAI e do Observatório da Educação Escolar Indígena – FAE/ UFMG, instituição em que está se graduando em Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas.

É realizador dos filmes *Tekowe Nhenpyrun – A Origem da Alma*, *Ywy Jahe’o – O choro da Terra*, *Tape Ypy E’y – Caminhos do Tempo*, *Karai ha’egui Kunha Karai Ete – Os Verdadeiros Líderes Espirituais*, *Arandu Nhembo’e – Em Busca do Saber*, *A Procura de Aratu*, *Um Pé na Aldeia e Outro no Mundo*, *Nhema’en Tenondere – Além do Olhar*, *Yvi*.



Patrícia Ferreira Keretxu (RS) - (Presença em Lisboa: 12 - 18 Março)

Nasceu em 1985 na aldeia Tamanduá em Misiones na Argentina. Atualmente vive na Tekoa Koenju, perto de São Miguel das Missões, onde é professora na escola indígena da comunidade. É a mulher cineasta mais atuante no Brasil. É realizadora dos filmes *Bicicletas de Nhanderu* e *Mbya Mirim*. Neste momento está a concluir um documentário sobre os conhecimentos da sua mãe sobre a esfera feminina para transmitir à sua filha.



José de Lima Kaxinawá (Zezinho Yube) (AC) - (Presença em Lisboa: 12 - 18 Março)

Cineasta Huni Kuin da Terra Indígena Praia do Carapanã, aldeia Mibayã, no rio Tarauacá. Também conhecido como José de Lima Kaxinawá, nasceu em 1983. Foi agente agroflorestal da Comissão Pro-Índio do Acre e é, atualmente, Secretário para os Assuntos Indígenas do Governo do estado do Acre. Realizou os filmes *Já Me Transformei em Imagem*, *Katxa Nawá*, *Troca de Olhares* e *Xinã Bena – Novos Tempos*.



Ailton Krenak (Presença em Lisboa: 11 Março - 18 Março)

Nasceu em 1953, na região do vale do Rio Doce, território do povo Krenak, um lugar cuja ecologia foi destruída pelas corporações - mineradoras, numa série de desastres. Ativista do movimento sócio-ambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É um dos reconhecidos fundadores do movimento indígena no Brasil e organizador da I Mostra de cinema indígena AldeiaSP, em 2014.



Daiara Tukano (Presença em Lisboa: 15 - 18 março)

Do povo Tukano do Alto Rio Negro, é ativista indígena e artista plástica, mestre em direitos humanos pela Universidade de Brasília, pesquisadora do direito à memória e verdade dos povos indígenas; comunicadora independente é coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil - www.radioyande.com. É uma das primeiras mulheres de seu povo a ser iniciada na espiritualidade tradicional do povo Tukano, estudando as medicinas sagradas com seu pai em cerimônia.



Maria Dalva Manduca Mateus Kaxinawá (Ayani) - (Presença em Lisboa: 12 - 18 março)



Filmes

Já me transformei em imagem - Ma'e Dami Xina - FILME DE ABERTURA

Zezinho Yube | 2018. Acre. 32'

Comentários sobre a história de um povo, feito pelos realizadores e pelas personagens. Desde o primeiro contato, passando pelo cativo nos seringais, até ao trabalho atual com o vídeo, os depoimentos dão sentido ao processo de dispersão, perda e reencontro vividos pelos Huni kuin.



ATL 2017 Acampamento Terra Livre

Edgar Kanaykô Xakriabá | 2017. Brasília. 7'

Em Abril de 2017, em Brasília, os povos de todas as regiões do país e das mais diversas etnias reuniram milhares de lideranças, jovens e mulheres indígenas fazendo o maior Acampamento Terra Livre da história, para exigir os direitos que vão sendo vilipendiados sistematicamente.



Carta Kisêdjê para a Rio+20 – Amne adji papere mba

Kamikiã Kisêdjê | 2012. Mato Grosso. 11'

Manifesto das mulheres Kisêdjê contra o desmatamento das florestas e a poluição dos rios. Kamikia Kisêdjê e o Coletivo Kisêdjê de Cinema resolveram produzir uma mensagem do seu povo para a RIO+20. As mulheres estão à frente dos depoimentos, expressando a sua apreensão em relação à devastação da Amazônia e a preocupação do futuro dos seus netos.



GRIN

Roney Freitas e Isael Maxakali | 2016. Brasil. 41'

Um cineasta maxakali resgata memórias sobre a formação da Guarda Rural Indígena (Grin) durante a ditadura militar, com relatos das violências sofridas pelos seus parentes.



Guardiões da Memória

ReviraVolta Produções | 2016. Maricá, Angra dos Reis e Parati/Rio de Janeiro. 55'

Guardiões da Memória foi realizado em cinco aldeias Guarani no Estado Rio de Janeiro. O filme mostra como os mais velhos e lideranças fazem circular o conhecimento e a memória nos Tekoa, através de suas rezas, narrativa e belas palavras na casa da reza.



Kakxop Pit Hãmkoxuk Xop Te Yumugãhã/ Iniciação Dos Filhos dos Espíritos Da Terra

Isael Maxakali, Sueli Maxakali, Carolina Canguçu | 2015.Ladainha e Minas Gerais. 47'

Os meninos da Aldeia Verde Tikmu'un (Maxakali) são inciados pelos espíritos que vivem na terra. A partir de agora eles poderão frequentar o kuxex (casa de religião), conviver, alimentar e aprender com os Yãmíxop.



alimentar e aprender com os Yãmíxop

na terra e partir de agora eles poderão frequentar o kuxex (casa de religião) conviver

Konãgxeka: o Dilúvio Maxakali

Charles Bicalho e Isael Maxakali | 2016.Brasil. 16'

Konãgxeka na língua indígena maxakali quer dizer "água grande". Trata-se da versão maxakali da história do dilúvio. Como um castigo, por causa do egoísmo e da ganância dos homens, os espíritos yãmîy enviam a "grande água".



Priara Jõ – Depois do ovo, a Guerra

Komoi Panará | 2008.Mato Grosso.15'

As crianças Panará apresentam seu universo em dia de brincadeira na aldeia. O tempo da guerra acabou, mas ainda continua vivo no imaginário das crianças.



Shomõtsi

Wewito Piyãko | 2001.Acre.42'

Crônica do cotidiano de Shomõtsi, um Ashenika da fronteira do Brasil com o Perú. Professor e um dos videastas da aldeia, Valdete retrata o seu tio, turrão e divertido.



Tava, a casa de pedra

Ariel Ortega, Ernesto de Carvalho, Patrícia Ferreira, Vincent Carellil 2012.Sul e Sudeste. 78'

Ariel Kuaray Poty percorre as aldeias de vários estados para ouvir dos anciões as interpretações de seu povo Mbya- guarani sobre as reduções jesuíticas do século XVII no Brasil, Paraguai e Argentina.



Vende-se Pequi

André Lopes e João Paulo Kayoli | 2013.NTSC.24'

O povo indígena Manoki vive no noroeste de Mato Grosso e uma de suas atividades produtivas é a venda de pequi na estrada que passa por sua terra. Durante uma oficina de vídeo, jovens decidem mostrar para o mundo de fora um pouco de suas aldeias e do processo de coleta e venda desse fruto. Instigados pela possibilidade de filmarem e serem os próprios protagonistas, eles saem à procura dos velhos numa tentativa de descobrir se existe algum mito sobre o pequi.



As Hiper Mulheres

Carlos Fausto, Leonardo Sette, Takumã Kuikuro | 2011.Brasil. 80'

Temendo a morte da esposa idosa, o marido pede que seu sobrinho realize o Janurikumalu, o maior ritual feminino do Alto Xingu (MT), para que ela possa contar mais uma última vez. As mulheres do grupo começam os ensaios enquanto a única cantora que de fato sabe todas as músicas se encontra gravemente doente.



Ava Yvy Vera – A Terra do Povo do Raio

Genito Gomes, Valmir Gonçalves Cabreira, Johnaton Gomes, Joilson Brites, Johnn Nara Gomes, Sarah Brites, Dulcídio Gomes e Edna Ximenes | 2016.Brasil.52'

“Aqui é o coração da terra. Estamos lutando pelo coração da terra, este território. Não lutamos só por esse pedaço, mas por todos os territórios do coração da terra. Esse é o nosso lugar. Nós, Avá, somos descendentes do coração da terra.” (Rezador Valdomiro Flores, Tekoha Guaiviry, 2014).



De volta a terra boa

Mari Corrêa, Vincent Carelli | 2008.Mato Grosso.21'

Homens e mulheres Panará narram a trajetória de desterro e reencontro de seu povo com seu território original, desde o primeiro contato com o homem branco, em 1973, passando pelo exílio no Parque do Xingu, até a luta e reconquista da posse de suas terras.



Índio Cidadão?

Rodrigo Arajeju | 2014.Distrito Federal.54'

A União das Nações Indígenas, em ato de desobediência civil contra a tutela do Estado, coordena movimento político de participação popular na Constituinte (1987/88). Vinte e cinco anos depois, o Movimento Indígena ocupa o Plenário da Câmara dos Deputados e realiza Mobilização Nacional em Defesa dos Direitos Constitucionais ameaçados pelo próprio Congresso Nacional. A Nação Kaiowa e Guarani, alheia ao Direito e à Justiça, revela a narrativa testemunhal do genocídio indígena em marcha no estado do Mato Grosso do Sul.



O Espírito da TV

Vincent Carelli | 1990. Amapá. 18'

As emoções e reflexões dos índios Wajãpi ao verem, pela primeira vez, a sua própria imagem e a de outros grupos indígenas num aparelho de televisão. Os índios refletem sobre a força da imagem, a diversidade dos povos e a semelhança das suas estratégias de sobrevivência frente aos não índios.



Quem não come com a gente

Guigui Maxakali | 2003. Aldeia Vila Nova, Terra indígena do Pradinho, Bertópolis, Minas Gerais e Região do Vale do Mucuri. 30'

Há mais de 5 séculos que os povos Tikmũ'ũn vêm se acostumando a ver os diferentes representantes dos poderes colonizadores aparecerem em suas aldeias, oferecendo-lhes salvação missionária e vários outros serviços que são pautados num único princípio: negar as suas formas de vida, os seus conhecimentos, a sua sociedade e sua presença no território. Durante uma conflituosa situação da falta de cuidados médicos, mortes de crianças e bebês e agravamento da situação de pobreza ambiental dos povos tikmũ'ũn, uma reunião foi realizada com vários agentes do poder público na aldeia Vila Nova chefiada por Guigui Maxakali. Após ouvir pacientemente os discursos já conhecidos, o chefe Guigui orchestra uma erupção xamânica nesta cena. Os diferentes espíritos, povos aliados e responsáveis pela sobrevivência dos Tikmũ'ũn, chegam cantando e preparam o mais nobre de seus alimentos para compartilhar com estes visitantes, representantes do Estado.



Tekoha Ha'e Tetã / Aldeia e Cidade

Nhamandu Produções | 2018. Estado De Paraná e Rio de Janeiro. 17'

O documentário Tekoha Ha'e Tetã narra a vida do Wera Kuaray em busca de um novo caminho ao caminhar com o seu olhar atento de sabedoria guarani entre dois mundos.



Vamos à luta

Divino Tserewahú | 2002. Roraima. 18'

Em Abril 2002, os índios Makuxi da reserva Raposa Serra do Sol comemoram 25 anos de luta pelo reconhecimento definitivo da reserva. Divino Tserewahú, realizador Xavante, vai ao encontro dos seus "parentes" e registra as comemorações e a demonstração de força do exército de fronteira para intimidar os índios. Divino manifesta a sua surpresa diante de tal confrontação.



Pemomba Eme

Coletivo Tenonderã Ayvu | 2018. Brasil.5'09

Pemomba Eme, é a faixa musical criada por Wera MC e o grupo de rap OZ Guarani da TI Jaraguá. Pemomba Eme faz forte crítica ao governo, ao sistema, à devastação das matas, ao genocídio indígena, mostrando a luta indígena pela demarcação de terras e pela garantia dos direitos conquistados ao longo de tantos anos de batalha e resistência.

O videoclipe da música revela momentos da luta do povo Guarani Mbya pela garantia dos seus direitos, com especial atenção as manifestações motivadas pela des-demarcação da TI Jaraguá assinada pelo então Ministro da Justiça, Torquato Jardim, um ato criminoso que foi posteriormente revogado, se tornando uma vitória histórica do movimento indígena.



Um dia

Ty'e Parakanã | 2015. Rio Xingu. 15'

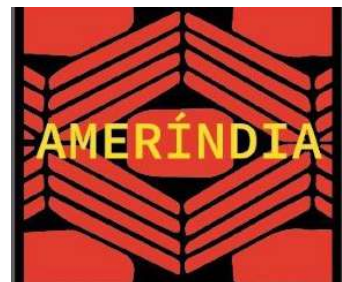
Um dia na Aldeia Apyterewa, às margens do rio Xingu, através dos olhos de um pai Parakanã e da rotina de sua esposa e filhos



Guairaka'i ja / O dono da montra

Centro de trabalho Indígena | 2012. Panamá. 12'

Segundo os Guarani-Mbya, todos os seres que habitam este mundo têm algum espírito-dono que zela por eles, inclusive os animais de caça. Alguns desses "donos" podem ser especialmente vingativos, caso se sintam desrespeitados...



Shuku Shukuwe / A vida é para sempre

Agostinho Manduca Mateus Ika Muru Huni Kuin | 2012. Brasil. 43'

Por três vezes, yuxibu cantou shuku shukuwe, a vida é para sempre. Ouviram as árvores, as cobras, os caranguejos. Ouviram todos os seres que trocam suas peles e cascas. Por três vezes, yuxibu cantou shuku shukuwe. Mas a inocente não soube ouvi-lo em silêncio. e a vida tornou-se breve.



Programa de Debates

Dia 13 de Março | 18h30 - 20h

Mesa Redonda - Abertura

Roça do ofício

O que significa filmar, usar a câmara, montar e realizar um filme? Estes atos fazem um conjunto? Discutindo criativamente o conceito de "ofício" (neste caso de 'cineastas indígenas') iremos partilhar experiências entre os vários cineastas presentes nesta mostra (Zezinho Yube, Alberto Alvares, Ayani Hunikuin, Patrícia Ferreira), e os curadores da mostra (Ailton Krenak, Miguel Ribeiro, Rodrigo Lacerda e Rita Natálio).

Participantes: Alberto Alvares, Ayani Hunikuin, Zezinho Yube, Patrícia Ferreira, Ailton Krenak, Miguel Ribeiro, Rita Natálio e Rodrigo Lacerda

Moderação: Susana de Matos Viegas (ICS-ULisboa), Pedro Cardim (CHAM-NOVA/FCSH), Fred Maia (FCSH-UNL)

Dia 15 de Março | 14h - 15h30

Mesa Redonda - Abertura

"Os brancos precisam pagar" - ocupar a tela

Sobrepondo resultados do primeiro contato com "o branco" com o extermínio da terra, provocado pelas mais recentes ofensivas do agronegócio, neste dia discute-se como o cinema, a história e a política indigenista se combinam – um tema abordado por múltiplos filmes ao longo dos vários dias desta mostra.

Participantes: Ailton Krenak, Zezinho Yube, Alberto Alvares e Patrícia Ferreira

Moderação: Rodrigo Lacerda (CRIA-NOVA/FCSH), Inês Beleza Barreiros (NYU), Liliana Coutinho (NOVA/FCSH)

Dia 16 de Março | 14h - 15h30

Mesa Redonda - Abertura

"A Câmara é de todo o mundo" – Terra, território, memória

Memória será a expressão certa? Discutimos a sobreposição entre as dimensões cosmológicas da terra e as mais pragmáticas bases da vida humana. Como as práticas cinematográficas participam e se afastam destes processos? Coletivização e biografia serão reversos? E que experiências diversas têm os/as cineastas convidados/as para pensar a história, vivências quotidianas e suas múltiplas relações com a terra?

Participantes: Alberto Alvares, Ayani Hunikuin e Patrícia Ferreira

Moderação: Susana de Matos Viegas (ICS-ULisboa), Pedro Cardim (CHAM-NOVA/FCSH), Fred Maia (NOVA/FCSH)

Dia 17 de Março | 17h - 18h

Diálogo

Artes, pensamento ameríndio e activismo

Ailton Krenak encontra Daiara Tukano, artista e ativista indígena que iniciará em Lisboa uma tournée por várias cidades europeias, organizada pela Coordenação Justiça Climática Social/Suíça e com apoio do Coletivo Memória, Verdade e Justiça Rhône Alpes / França. Uma conversa sobre ecologia da arte, tendo em conta o papel das artes ameríndias na desestabilização de uma tendência para mundialização, no activismo e na construção de uma rede de afinidades entre imaginação, estética e mudança social.

Participantes: Ailton Krenak com Daiara Tukano

Moderação: Rita Natálio (IHA-NOVA/FCSH e FFLCH-USP)



Equipa

Ailton Krenak
Ana Carvalho
Fred Maia
Inês Beleza Barreiros
Joana Gusmão
Miguel Ribeiro
Pedro Cardim
Rita Natálio
Rodrigo Lacerda
Susana de Matos Viegas
Thais Brito
Vincent Carelli

Organização

AldeiaSP
Apordoc - Associação pelo Documentário
CHAM - Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores
CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia
ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
IHA - Instituto de História de Arte da Universidade nova de Lisboa
Vídeo Nas Aldeias

Co-Produção

Museu Calouste Gulbenkian

Programação

Ailton Krenak
Ana Carvalho
Miguel Ribeiro
Rita Natálio
Rodrigo Lacerda
Thais Brito
Vincent Carelli

Programação dos Debates

Susana de Matos Viegas

Coordenação de Programação e Gestão de Cópias

Joana Sousa

Direcção de Produção

Joana Gusmão

Assistência de Produção

Catarina Letria

Comunicação & Assessoria de Imprensa

Débora Pereira

Projecto Educativo

Sara Marques

Design

Raphael Durão - STORM

Livro

Ed. _____ /SISTEMA SOLAR
coordenada por Rita Natálio e André E.Teodósio

Seleção de textos e apoio editorial

Rita Natálio
Rodrigo Lacerda
Susana de Matos Viegas

Extensão da Mostra Ameríndia em Espanha

Universidad de Cantabria

Apoios

Apordoc - Associação pelo Documentário
CHAM - Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores
CML - Câmara Municipal de Lisboa
Collective Mémoire Justice Vérité
CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia
ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
NOVA - FCSH
Projeto RESISTANCE. Rebellion and Resistance in the Iberian Empires, 16th-19th centuries (H2020-Marie Sklodowska Curie-Actions / RISE-2017, Agreement No 778076)

Apoio ao design e produção de livro

FINEPAPER
Sistema Solar
STORM
Teatro Praga



Contactos:
Apordoc

Imprensa | Comunicação:
Débora Pereira
+351 96 91 65 978
comunicacao@apordoc.org

Direcção de Produção:
Joana Gusmão
+ 351 918 624 184
joana.gusmao@apordoc.org



PROGRAMAÇÃO MOSTRA AMERÍNDIA

	13 MARÇO 4 feira	14 MARÇO 5 feira	15 MARÇO 6 feira	16 MARÇO sabado	17 MARÇO domingo
11H00 -12H30				OFICINA INFANTIL - Claudia Alves/espaco do serviço educativo (esquerda da sala polivalente)	
14H00-15H30			DEBATE Os brancos precisam pagar - ocupar a tela (gratuito)	DEBATE A câmara é de todo o mundo - Terra território memória (gratuito) *	
16H00		Depois do ovo a guerra (15') Shomotsi (42')	Índio Cidadão? (54')	Tekoa ha'e tetã (18') Guardioes da memoria (55') ALBERTO ALVARES *	O Espírito da TV (18min) Shuku Shukuwe (43')
17H00 -18h00					DEBATE Artes, pensamento ameríndio e activismo(gratuito)
18H30	ABERTURA DEBATE Roça do Ofício (gratuito)				
19H00		"Pemomba Eme" Wera Mc & Oz Guarani" (5') Vamos à luta!, (18') GRIN (40')	ATL (7') Índios isolados/ Acre (6') A Arca dos Zo'é (22') De volta à terra boa (15') Nós e os brabos (27')	O Dono da Lontra (11') Dilúvio Maxakali (13') Vende-se Pequi (24') Xokxop Pet(20')	Eju orendie (Bro Mcs) (5') Retomada Teykue (Ascuri) (15') Ava Yvy Verá - A terra do povo do raio (52')
20h00	COCKTAIL DE ABERTURA				
21H00	Já me transformei em Imagem SESSAO ABERTURA * 50 convites	Carta Kisêdje para a Rio+20 (11') Um dia na vida do Parakanã (19')+ Hipermulheres (80')	Ayani por Ayani, (20') Tava, a casa de Pedra (78')	Quem não come com a gente (30') + Iniciação dos filhos dos espíritos da terra (47')	Kalapalo – videoclip (5') Voz das Mulheres Indígenas (17') Pirinop (83')